

## **Intervir, Inventar... Interventar: por encontros mais ventilados entre psicologias e juventudes\***

### **To intervene, to invent... Interventilate: for more ventilated crossroads between psychologies and youths**

Alice De Marchi Pereira de Souza

Centro de Defesa de Direitos Humanos de Petrópolis

---

#### **RESUMO:**

Em um programa de trabalho educativo que envolve jovens em medidas “socioeducativas” e medidas “de proteção”, alguns acontecimentos são tomados como analisadores dos modos como práticas *psi* e juventudes se têm co-engendrado. A cartografia como ética de pesquisar-intervir acompanha esses movimentos do que está surgindo e utilizamos *cadernetas pessoais* e *diários coletivos* como ferramentas metodológicas. Partimos da imanência das relações, do *meio*, e somos convocados a pensar as formações históricas que produziram sufocantes práticas hegemônicas que governam vidas juvenis no âmbito das medidas supracitadas. Numa ultrapassagem do que ajudamos a fazer de nós mesmos, experimentamos práticas *psi* que se arriscam à potência dos encontros, inventando aí intervenções ventiladas que habitam a multiplicidade da vida e a liberdade. Afirmamos exercícios de cuidado da/na relação como uma ética de intervenção com jovens: uma aposta política na insurgência de práticas *psi* e vidas mais libertárias.

**Palavras-chave:** cartografia; práticas *psi*; juventude.

---

#### **ABSTRACT:**

Throughout an educational work programme that engages youngsters into “social”, “educational” and “protection” restraints, some happenings are viewed as analyzers of the way *psy* practices and those youngsters have been co-engendered. The cartography as researching-interfering ethics follows these movements of what is arising and we use both *individual notebooks* and *collective journals* as methodological instruments. We depart from the immanence of relations, of the *milieu*, and we are then called to think about the historical formations that developed suffocating hegemonic practices ruling young lives in the context of the procedures mentioned above. Overstepping what we have contributed to make of ourselves, we experience *psy* practices that risk themselves within the potency of encounters creating ventilated interventions that inhabit life multiplicity and freedom. We assert caring exercises in/of the relation as intervention ethics with youngsters: a politic bet on the insurgence of *psy* practices and more libertarian lives.

**Key-words:** cartography; *psy* practices; youths.

---

*Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.*

*Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.*

Manoel de Barros

### **Os bolsos estavam furados**

A sala, como sempre, cheirava a madeira antiga. Como, aliás, quase todas as salas de reunião do austero prédio público. Lá fora, o rio Guaíba figurava bem próximo, pacatamente pronto para receber o sol que penetraria em breve seu dorso. Do lado de cá do muro do cais do porto, por sua vez, o centro de Porto Alegre, visto do sétimo andar, fervia, inquieto como de costume, tal qual um formigueiro cinza. Sentamo-nos ao redor da enorme mesa quadrada, e o zumzumzum das conversas, dos fones de ouvido e dos silêncios já povoava o espaço. Sim, pois até o silêncio desses seis jovens povoava aquele espaço adormecido. Não deixava de me chamar atenção como aquelas salas de reunião, habitualmente tão pouco usadas, ganhavam todo um punhado de cores, olhares, gestos e cheiros com seus novos ocupantes. O fato de todos os seis jovens estarem cumprindo medidas ditas socioeducativas, isto é, de uns estarem em conflito com a lei em razão de ato infracional e outros em medidas “de proteção”, ou seja, morando em abrigos do Estado (conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente), era meramente secundário - como, aliás, deveria sempre ser, onde quer que eles fossem. O grupo, batizado por um deles, se chamava “nós”.

#### **Assunto: da psicologia e da cartografia**

Eis que no grupo no meio de um momento de risada, Frixo<sup>1</sup> pede atenção: "vamos falar de coisa séria, vamos parar com a bobagem. Vamos falar de futuro. O que vocês tão pensando em fazer depois do estágio?". Risadas. É uma brincadeira. Os guris dizem que o Frixo parece psicólogo. Questiono que então é assim, psicólogo fala de coisas sérias e do futuro? Vão dizendo que sim, fazem perguntas à Héstitia e, a tudo que diz, um "por quê?". Mais uma pista... Psicólogo é o que pergunta "por que"? Eis na roda a pergunta "o que é ser psicólogo?" Gabriel me convoca: "tu que é psicóloga, diz aí o que o psicólogo faz!" Respondo, mas não sem antes dar uma de psicóloga "queria saber primeiro o que vocês diriam sobre isso". Gabriel diz que é "dar um psicológico". Como assim???? "Ah, é botar uma idéia na cabeça do cara...". Me desesperei... Então é exatamente a mesma idéia do servidor que diz que temos que botar algo na cabeça “dessas crianças”!?

(Diário coletivo Ventovida<sup>2</sup>, em 16 de setembro de 2006)

Outro dia, outro grupo. Só vieram três jovens. Héstitia não quis subir para o sétimo andar. Um aparelho de MP3 circula e todos escutam um pouco de rap. Pergunto

ao Éolo o que aconteceu que não me manda mais letras de rap por e-mail, como costumava fazer. A palavra rola...

**Assunto: instalamo-nos na linha juvenil para cartografar...**

O assunto é o medo que se sente deles... eles se olham e riem, olhar de espanto, "somos só nós! olha pra nós, não tem porque ter medo!" Falo que tem gente que tem medo deles, sim, e medo da psicologia, também. Frixo vem de novo com a frase "claro, né, medo porque o psicólogo entra na mente da gente!". Ironizo: "claro, né, medo porque o 'guri da FASE' vai me roubar, me machucar!" [a FASE é o estabelecimento responsável pela execução de medidas socioeducativas com privação de liberdade] Eles riem: "mas jura [sic]!". Questiono o que teria de perigoso de encontrar na nossa mente...

Digo que, ora, isso são estigmas, pré-conceitos sobre psicologia e sobre eles. No elevador, encontro Frixo e digo pra ele adivinhar onde eu estou indo: em quem entra na minha cabeça... E ele: "ah, então é a tua vez..." e eu digo "é, na verdade o trabalho talvez seja fazer eu mesma entrar na minha cabeça, ou algo assim". Ele diz: "Ô!, isso sim que é difícil, entrar na própria cabeça..."

da transbordante  
psicóloga.

(Diário coletivo Ventovida, em 29 de setembro de 2006. Observações entre colchetes acrescentadas por mim).

Era fim do ano de 2005 e, como estagiária em Psicologia Social do Abrindo Caminhos, propus um dispositivo de grupo com aqueles jovens para pensar e discutir junto a eles seus modos de se fazerem sujeitos.

O Programa Abrindo Caminhos, que por si só põe em análise as noções tradicionais de *política pública* e de *psicologia*, acontece nas alianças entre Universidade Federal do Rio Grande do Sul (através do Projeto de extensão Estação PSI), Procuradoria da República no Rio Grande do Sul e políticas que executam medidas socioeducativas e protetivas no âmbito estadual (Rio Grande do Sul) e municipal (Porto Alegre). O Abrindo Caminhos oferece vagas de estágio remunerado em alguns setores da Procuradoria da República na modalidade de *trabalho educativo*, conforme o artigo 68 do Estatuto da Criança e do Adolescente, a jovens de 16 a 18 anos que estejam cumprindo uma das medidas referidas. O *trabalho educativo*, por sua vez, está definido no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) como "atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo", considerando que "a remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho não desfigura o caráter educativo." (BRASIL, 1990).

Dito de forma bastante objetiva, o processo ocorre da seguinte forma: primeiramente, as vagas para jovens estagiários existentes na Procuradoria da República são divulgadas às equipes técnicas das políticas executoras das medidas, a saber: Fundação de Atendimento Socioeducativo do rio Grande do Sul (FASE); Programa de Execução de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (PEMSE) e Fundação de Proteção Especial do Rio Grande do Sul (FPE). Em seguida, tais equipes indicam alguns jovens para o programa. A equipe de psicologia e os servidores dos setores que receberão os jovens realizam uma seleção juntos. A Procuradoria, assim, recebe esses adolescentes como local de estágio por um ano, em média, em cinco de seus setores. A UFRGS, através do Estação PSI (Estudo e Ação em Políticas de Subjetivar e Inventar) – formado por uma professora coordenadora, Gilsei Lazzarotto, alunos da graduação em psicologia e pesquisadores, como eu – opera a linha do saber *psi* e de extensão acadêmica em práticas no Abrindo Caminhos como equipe de psicologia. E está presente não só nas seleções, mas também em reuniões com os setores, acompanhando jovens e servidores em oficinas, em processos de desligamento dos jovens e na rede de que o Abrindo Caminhos faz parte. A gestão é coletiva e reúne Estação PSI e equipe local da Procuradoria – composta por procurador-chefe, servidores dos setores envolvidos e servidores oficineiros.

Ao propormos um grupo com os jovens, a idéia que se tinha era problematizar as institucionalizações e objetivações sempre presentes a partir da relação entre aqueles que supostamente sabem e os que supostamente são sabidos. O que me levou a esse movimento? A simples curiosidade pela experimentação de estar frente a frente (ou lado a lado...) com aqueles jovens, pelo que me provocavam nos fortuitos encontros que até então tinha com eles.

Ora, que pretensão! Algo desse *estar com* os jovens desassossejou a mim e à equipe de psicologia no programa, o grupo de extensão Estação PSI. Demo-nos conta de que, ao propor um grupo naqueles moldes – tendo a escuta passiva como fio condutor –, estávamos repetindo uma prática *psi* (isto é, que se ocupa da subjetividade) historicamente incrustada. Mais do que isso, aquilo a que a escuta supostamente nos conduziria é que se fez problemático: debruçávamo-nos, como tantos psicólogos o fazem há dezenas de anos, *sobre* a subjetividade alheia. Praticávamos uma escuta de clínica exclusivamente *klinikos*, que, do grego, remete justamente a um “inclinar-se sobre o leito do paciente” – ao invés de ir mais adiante e operar também uma clínica *clinamen* que forjasse desvios. Conforme Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros

(2001), o conceito de *clinamen*, também do grego, “designa o desvio que permite aos átomos, ao caírem no vazio em virtude de seu peso e de sua velocidade, se chocarem articulando-se na composição das coisas. Essa cosmogonia epicurista atribui a esses pequenos movimentos de desvio a potência de geração do mundo. É na afirmação desse desvio, do *clinamen*, portanto, que a clínica se faz”.

Naquele momento, com a nobre intenção de conhecer o que vem justificando as práticas da psicologia em sua ilusória unidade de disciplina, ambicionávamos apreender, como diz Canguilhem, “um só e mesmo objeto de estudo: o homem, ser loquaz ou taciturno, ser sociável ou insociável” (CANGUILHEM, 1972: 106).

Acontece que algo escapulia, veloz, feito vento. Os tempos daqueles jovens eram outros, suas demandas eram inusitadas, suas maneiras de pensar e de ser estavam fora dos livros e dos manuais de psicologia. Não queriam apenas ser escutados. Queriam escutar. Devolviam perguntas. “E a psicologia? O que é? O que quer?” Enunciações juvenis sobre a psicologia emergiam.

Sentíamos-nos com os bolsos furados: como se, ao tentar alcançar algo em nossos bolsos teoricamente cheios, não encontrássemos técnicas prontas das quais pudéssemos lançar mão no intuito de dar conta daquilo que se passava no momento da intervenção. Foi necessário um deslocamento da problemática antes colocada por nós nos jovens como objetos de estudo. Quer dizer, o feitiço virou contra o feiticeiro, o dia do caçador era agora da caça, o objeto é que questionava o sujeito, o tiro saiu pela culatra. Uma inversão inesperada e descabida, caso não estivéssemos atentos ao que, de fato, ocorria *entre* os tradicionalmente chamados sujeito e objeto: uma dupla captura, precisamente o que acontece em uma pesquisa-intervenção como esta: “Na pesquisa-intervenção, sujeito e objeto, pesquisador e campo de pesquisa, se criam ao mesmo tempo. A relação que se estabelece é da ordem da imanência. As práticas produzem os objetos assim como também produzem políticas de subjetivação. (BARROS, 2007: 232).

Trata-se, pois, de enfrentar uma espécie de dever de casa a ser vencido: chacoalhar o que é entendido de imediato quando escutamos a palavra “psicologia”. Não há, inevitavelmente, contextualizações espaço-temporais aí? É impossível deixar de convocar a história desse saber e dessa prática com juventudes institucionalizadas quando um jovem autor de ato infracional, aquele do qual aprendemos e nos acostumamos a sentir medo, diz “tenho medo da psicologia, porque ela entra na nossa cabeça”.

Que práticas eram aquelas esperadas da e reproduzidas pela psicologia no programa? Como elas atravessavam as instituições pelas quais aqueles jovens circulavam... e para além delas? Que psicologia é essa que invade mentes? No limite, “psicologia” fez-se um nome genérico para muitas práticas. Sendo assim, inevitável interrogar que outros modos de intervir com jovens nessas situações eram possíveis de engendrar. Precisamente nas interferências com esses guris e gurias é que tais análises se faziam não de uns ou de outros, e sim de todos nós.

Mas como escrever sobre novos modos de intervir sem se referir àqueles que se pretende extrapolar?

A resposta que encontramos está contida na pergunta: é um trabalho a ser feito nesse embate mesmo, fazendo uso do que se quer ultrapassar como um impulso para o salto acrobata<sup>3</sup> que se pretende. Trata-se do que Foucault afirma ser a *ontologia crítica de nós mesmos*: “uma atitude, um êthos, uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível. [...] Implica, penso, o trabalho sobre nossos limites, ou seja, um trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade” (FOUCAULT, 2005: .351)

O mesmo autor nos ensina que se pode tanto propor uma nova política ou uma nova ética a partir de uma história (no que historicizamos, contingenciamos os limites do presente e então este se abre para a possibilidade de novidades), como se pode fazer o contrário: a partir da transgressão, fazemos a história. A pergunta é: o que ajudamos a fazer de nós mesmos?

Heliana Conde Rodrigues, no precioso (e preciso) texto de apresentação do livro *Foucault e a Psicologia*, nos convida a desencaminhar o presente *psi* com o auxílio desse filósofo – carinhosamente apelidado por ela de “careca” – e de sua “valiosa inquietação em face do que é considerado *dado, coerente, óbvio, lógico, previsível, evidente, funcional* ou *nobremente científico*, inquirindo o quanto comporta de “empatia com os vencedores” – para usar uma expressão de Walter Benjamin que, tal como Foucault, desejava ‘escovar a história a contrapelo’” (RODRIGUES, 2005:18)<sup>4</sup>.

Ora, é uma variação disso a que Manoel de Barros (2004) nos convida em “Uma didática da invenção”, quando nos sugere, ao desinventar objetos, utilizar o mesmo pente de formas tão destoantes que ele vire uma begônia.

Subverter o uso do pente, quiçá, é um meio de escovar a história a contrapelo, se queremos nos utilizar dos acontecimentos e de seus graus de ruptura e transgressão

como o que faz história. A história do presente sempre em vias de feitura nos remete à história daquilo que se deseja transpor.

Disse Lília Lobo, emblemática professora da UFF, em uma defesa de dissertação de cuja banca participou em princípios de 2009: “Como se faz para desfazer, desinventar algo? Como desfrito um ovo? Acho que não há como voltar no tempo nem fingir que esquecemos o que sabemos, mas o que podemos é localizar a pergunta no *uso* que se faz do que sabemos. Talvez aí possamos preparar o ovo de outras formas, inventar outras práticas!”.

A inquietação valiosa de Foucault citada por Heliana Conde é disparada em alguns encontros no Abrindo Caminhos e aponta para as já “manjadas” práticas da psicologia na atualidade que modulam subjetividades juvenis para colocar nos eixos algo que está fora da ordem, fora da nova ordem mundial. Mas esses acontecimentos também nos fazem pensar em como desinventar um uso das práticas *psi* (desfritar o ovo-psi!) e, a reboque disso, inventar outras práticas até então não dadas à luz.

### **A psicologia tupiniquim e uma falsa dicotomia**

Desde 1923, com a criação dos Juizados de Menores e, em 1927, com o Código de Menores (revisado em 1979), teorias higienistas, racistas, eugênicas e intimistas da psicologia e de áreas afins têm influenciado significativamente a intervenção de um sem número de profissionais com crianças e adolescentes pobres, bem como a maneira da sociedade em geral percebê-los (COIMBRA e NASCIMENTO, 2003). Também Arantes (1999), Bulcão (2002), Coimbra e Nascimento (2003) nos apontam o abismo entre duas infâncias/juventudes construídas pelo Código de Menores: trata-se do *menor* – criança ou jovem “em perigo” ou “perigoso” por ser abandonado, carente, infrator, perambulante – e da *criança* – saudável, que estuda, que tem família, e por isso não requer assistência especial<sup>5</sup>.

Gostaríamos que houvesse sido suficientemente potente o movimento coletivo e multidisciplinar que lutou e logrou a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 para romper com noções senis e dar espaço a novas práticas. Nem tanto. O ECA é só mais uma força em embate nesse campo. Há de lembrar que, em nosso país, 300 anos de escravidão e ainda 63 anos de Código de Menores reforçaram idéias de que jovens pobres têm uma personalidade desviante – e, portanto, ou são uma ameaça à sociedade ou são vítimas incapazes de protagonizar suas histórias. Não é de surpreender que ainda

escutemos com enorme frequência termos como *menor*, *infrator* e *abandonado* vinculados à práxis *psi* – em grande parte das vezes apoiadas em um referencial familiarista, de sujeito de essência, de estrutura, cujos mistérios devem ser desvendados (COIMBRA e NASCIMENTO, 2003).

Equivoca-se, no entanto, aquele que pensa que há um dualismo entre “bandidos” em conflito com a lei e “coitadinhos” sob tutela da medida protetiva. Uma lógica sufocante se apresenta aqui e é norte tanto para as práticas que penalizam jovens autores de infrações quanto para aquelas que vitimizam jovens abrigados: as da biopolítica, da condução de condutas, da governamentalidade. Todos esses conceitos – trabalhados principalmente nas últimas obras de Foucault, especialmente em cursos no Collège de France ministrados entre 1977 e 1979, como “Segurança, Território, População” (Foucault, 2008a) e “O nascimento da Biopolítica” (Foucault, 2008b) – dizem do exercício de controle sobre a sempre fugitiva vida. Controle esse maior ou menor; em instituição fechada ou aberta; sob pelegos mais ou menos branquinhos, na tentativa de domesticá-la. Como nos furtarmos ao fato de que entre um modo de intervir e outro é onde reside o vento das infinitas possibilidades?

Talvez pelo risco e imprevisibilidade que essa aposta acarreta é que alguns prefiram não fazê-la.

Conhecemos já a famosa psicologia “resolve-pepino”, que tanto recebe e com tanto gosto acolhe demandas para resolução de abacaxis, batatas-quentes, quiproquós, situações-problema. Ela já não está restrita a uma linha, a uma corrente teórica: diversos autores, através de sortidos conceitos e aparatos metodológicos, investem nessa direção. Tampouco se resume a livros técnicos, à fala e à ação de psicólogos; espraia-se no que se diz sobre ela, no que se espera dela, no que se sente frente a ela. É a mais repetida, produto também do senso-comum. Está em conversas de elevador, no jornal televisivo da noite de domingo, em piadas de bar, em cantadas, em expressões das mais populares. E, clichês à parte, um significativo número de profissionais está capturado nessa mesma lógica ortopédica e a reproduz – ainda que seja importante ressaltar que a psicologia é apenas uma parte de um programa muito maior que compreende uma rede complexa de saberes a serviço do governo sobre existências. Ora, quem de nós não alimenta essa engrenagem em um momento ou outro? A toda hora nos pegamos querendo salvar, recuperar, apaixonados por esse poder, ainda que temporariamente, e na melhor das intenções. Já podemos dizer dessa psicologia que é uma idéia de psicologia que se

cristalizou. Tornou-se psicologia enquanto disciplina, psicologia enquanto coisa. Acostumou-se com o que se tornou.

Georges Canguilhem igualmente se pergunta “O que é a psicologia?” e, depois de nos levar pelo vasto caminho percorrido pelos projetos deste domínio de saber em seu texto, homônimo dessa pergunta, retoma a tensão entre psicologia e filosofia que o inicia:

*É, pois, muito vulgarmente que a filosofia coloca para a psicologia a questão: digei-me em que direção tendes, para que eu saiba o que sois. Mas o filósofo pode também se dirigir ao psicólogo sob a forma — uma vez que não é costume — de um conselho de orientação, e dizer: quando se sai da Sorbonne pela rue Saint-Jacques, pode-se subir ou descer; se se sobe, aproxima-se do Pantheon, que é o Conservatório de alguns grandes homens, mas se se desce dirige-se certamente para a Chefatura de Polícia. (CANGUILHEM, 1972: 123).*

Estamos, os psicólogos (e não só nós!), como bem pontua Guattari (2005), em uma encruzilhada: ou reproduzimos modelos de intervenção que seguem na grande, mas abafada, avenida hegemonia subjetiva; ou buscamos ruelas, becos-saída onde circule o vento para processos de singularização. Na própria rue Saint-Jacques, entre o Pantheon e a Chefatura de polícia, certamente há muitas vielas...

### **Há de se catar ventos**

Tratemos de desacostumar a psicologia enquanto saber coeso. Vamos envergá-la, corrompê-la, tal qual Manoel de Barros faz com as palavras em suas poesias. Essa operação é prenhe de uma psicologia sempre inacabada, momentânea, contingenciada. Práticas *psi* que se abrem e se refazem, rigorosamente fiéis ao que se passa na ocasião da intervenção. O termo *psi*, assim, se faz presente em nosso texto meramente para que mantenhamos nosso recorte sobre as práticas dos estudantes, profissionais e pesquisadores de psicologia (mas nossas problematizações podem muito bem provocar interferências nos mais diferentes campos de saber...).

Logo percebemos que havia uma diferença entre uma psicologia que acontecia no programa Abrindo Caminhos (as práticas da nossa equipe) e uma psicologia que era esperada, demandada, exigida, mas também por vezes temida e idealizada no próprio Programa – fosse por servidores da PRRS, por equipes das políticas executoras das medidas socioeducativas e de proteção, fosse pelos jovens.

A psicologia do Estação PSI era (e segue sendo...) inesperada, estranhada, misteriosa, eventualmente incômoda. Uma psicologia nada convencional, nada trivial e até um tanto suspeita...

Nesse sentido, Regina Benevides nos faz uma provocação:

*A Psicologia, tal como qualquer outro campo de saber/poder não explica nada. É ela mesma que deve ser explicada e isto só se dá numa relação de intercessão com outros saberes/poderes/disciplinas. É no entre os saberes que a invenção acontece, é no limite de seus poderes que os saberes têm o que contribuir para um outro mundo possível* (BENEVIDES, 2005:23).

Era difícil explicar o que fazíamos, visto que nada era regra, nada era repetido ao pé da letra – ou, se era, sabia-se do risco de *cair por terra*. E se falamos em risco é por ele conter mais de um sentido. Para muitos, a terra firme é sinônimo de desejável segurança, certeza, porto seguro, ausência de perigo; para nós, é um lugar a ser evitado. Há mais interesse no risco da instabilidade do alto mar, nos perigos do abrir-se à afetação. Não queremos cair por terra, pois há aí o risco de perder nosso sentido de intervenção, de nos repetirmos e de termos nossas práticas esvaziadas, ainda que isso fatalmente ocorra em algumas ocasiões. Queremos correr outro tipo de risco, mais potente: o da ausência de verdades incondicionais, o das possibilidades contidas nos encontros que nos levam a “certezas” sempre provisórias e específicas.

Sabíamos dizer que éramos uma psicologia que queria manter-se na borda, que queria mesmo aquele algo de mistério, de impreciso. Mas seria equivocado dizer que ela era “qualquer coisa”, que era indefinida e que tanto fazia ter a nossa equipe ali ou não. Algo, inevitavelmente, ela fazia! Algo *sempre se faz*, posto que nenhuma prática é neutra ou imune ao mundo que cria e no qual é criada. Algo nela e dela se mantinha, sim, algo dela reincidia e

aos poucos fui avistando que não tinha a ver com técnicas, regras, macetes, esquemas de pensamento – “se *delinquente*, logo *falta do pai*”; “se *discurso vitimizado*, logo *sedutor*”; “se *entrada no programa*, logo *chamar a família para conversar*”; “se *excluídos*, logo *inclusão pelo trabalho*”; “se *psicólogos*, logo apenas *escutemos passivamente*”. Com o rolar das águas, vi que tinha a ver com pistas, princípios e critérios esse algo que permanece, esse algo que dura nessa psicologia singular.

(Caderneta Diferença<sup>6</sup>, sem data).

Não temos a trajetória pronta; temos um norte. Navegar faz-se, então, impreciso: não se sabe de partida onde se vai aportar, mas há precisão no bem navegar. Ainda que o horizonte esteja trêmulo, há precisão no que se inventa e experimenta a cada momento, a cada ondulação. Não temos cais, mas não seguimos à toa.

### **Interventar e uma ética do encontro**

É aí que o termo *ética* nos serve. Ele diz não de método (como procedimento detalhado a ser seguido como psicólogos), mas de algo anterior: *postura, atitude, modo* (FUGANTI, 2009; ROLNIK, 2006). Modo de trabalhar indissociável de um modo de pensar indissociável de um modo de viver, já que para nós *mergulhar* é admitir que “implicado sempre se está” (BARROS, 2007, p.231), no que se refere aos diversos lugares que ocupamos em nossas vidas.

Ética diz daquilo que dá sentido a uma forma de existir, porque está para além de normas artificialmente restritas ao “local de trabalho”. Diz do que, de alguma forma, em nossas incessantes tentativas de responder à mesma pergunta que nos é dirigida (o que vocês fazem?) pode ser afirmado-dito porque é afirmado-praticado pelas intervenções. Trata-se de uma estratégia para podermos falar de como essa prática opera sem cair em um modelo, pois isto seria contrariar sua... ética! É uma questão política podermos responder o que essa psicologia é (e não só o que ela não é), ainda que temporariamente, para que ela não caia na vala da relatividade absoluta, do samba-do-criolo-doido, do “tudo é tudo e nada é nada” e na conseqüente ausência de sentido. Vala tão temível quanto seu oposto: a dos sentidos dados e fechados em si. A cartografia, destarte, se alia a essa ética por ser conceito-ferramenta na afirmação de um fazer diferente possível no presente:

*Na cartografia não se busca a firmeza de um equilíbrio estático ou avanços em direção à verdade enquanto experiência de eternidade. O cartógrafo é um experimentador das perdas que o conhecimento impõe. Ele também quer perder-se, pois é o único modo de ganhar: ganhar a experiência de se rever e de manter um certo grau de desprendimento perante a pesquisa e o conhecimento produzido (KIRST et alli, 2003: 97).*

Podemos afirmar que somos cartógrafos no programa Abrindo Caminhos, acompanhando os movimentos que acontecem neste dispositivo segundo o princípio vital que nos guia. Temos artifícios que consideramos fundamentais para tanto: os *diários* - aqueles *coletivos* - e as *cadernetas pessoais*. Os diários são registros das linhas que vão sendo traçadas ao longo do Programa, desde 2003.

Os *diários coletivos* consistem em grupos virtuais, listas de discussão em ambiente telemático nos quais e-mails são escritos pelos integrantes da equipe de psicologia do Estação PSI inspirados no formato de Diário de Campo – ferramenta de pesquisa apresentada pelo referencial da Análise Institucional<sup>7</sup>. Espaço por onde circulam documentos, relatos, impressões, afetações e reflexões sobre nossos fazeres,

são instrumentos que acompanham a alta velocidade do agenciamento juvenil que opera neste dispositivo. Através dele são elaboradas, coletivamente, estratégias de intervenção, bem como são produzidas análises sobre elas – colocando em cena também a co-produção de conhecimento e prática, no diálogo com autores como Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, entre outros. Neste sentido, a escrita é cartografia e os conceitos constituem territórios, na medida em que experiência e teoria estão intimamente conectados. Com uma periodicidade irregular, é encerrada uma lista virtual e outra é aberta (com outro nome), segundo critérios surgidos na análise daquele momento do grupo.

Já as *cadernetas pessoais* constituem escritas individuais de cada participante da equipe de psicologia nas quais se dá o pensar sobre si próprio, sobre os lugares que se ocupa, sobre as implicações nos espaços-tempo.

Escritas que são exercícios de uma ética; tecnologias de cuidado de si e do outro. O que se anuncia?

Identificamos, nas leituras de Foucault, nosso interesse naquilo que aparece para nós como uma ética do **cuidado do e no encontro como prática de liberdade**. Esse autor nos brinda com a noção de cuidado como possibilidade de criação de outras relações (consigo e com os outros) para além daquelas em que uns querem comandar a conduta de outros se acercando da restrição da vida (FOUCAULT, 2006). Ora, se pensamos que o mais interessante está em liberar a vida, no sentido de fazê-la passar ou deixá-la passar como força potente, como multiplicidade de possíveis modos de ser, o que buscamos são práticas, exercícios nos quais uns possam se tornar quanto mais autônomos puderem se tornar.

Deparamo-nos com o que sempre esteve lá: ao perguntarmos *como fazer*, remetemo-nos a tecnologias. Não mais tecnologias de poder exercido sobre o outro, assujeitando-o, submetendo-o às nossas prescrições; mas de tecnologias que possam afirmar a liberdade que cada um quer para si, engendrada na relação com o outro, enfim, na relação com o mundo que nos banha. Tecnologias que quiçá Deleuze (2005) entendesse como dobras, as tantas pregas que podemos criar para nós mesmos, e que assim se criam na imanência das relações e dos encontros no mundo em que vivemos. Neste sentido, Foucault dirá: “Se agora me interessa de fato pela maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, no entanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele

encontra na cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social” (Foucault, 2006b: 276).

Nos encontros com jovens do Abrindo Caminhos, certezas vão por água abaixo, as mãos dos *psis* (e não só as nossas...) encontram bolsos furados. Mas é também porque não teimamos em aplicar técnicas prontas e esvaziadas de sentido. Dobramos o poder. Não queremos ser controlados e nem controlar. O mar nos navega. Queremos os bolsos furados, pois só assim podem circular os ventos da invenção de um cuidado para com a potência de vida a ser cartografado.

Estamos falando de modos de intervir que tomam um lugar de produção. Produção de história, uma outra história possível no presente. Cabe-nos, sobretudo, afirmar a possibilidade da invenção em nossa prática, movimento que encontra sua condição de possibilidade no encontro com esses modos de ser de jovens tão diferentes dos jovens-conceito dos livros e dos discursos *sobre* eles; isto é, uma potência de invenção que reside no *encontro*, portanto *local* e *datado*, com jovens. Trata-se, destarte, não de apresentar um novo modelo de psicologia. Trata-se de fazer consistir uma ética, um modo de fazer psicologia que abra mão de procedimentos pré-estabelecidos pelas violentas utopias da governamentalidade.

Poder sentir uma lufada de ar: assumimos que os bolsos estão sempre furados e é por eles que os ventos da invenção podem passar.

\*

Fazemos um pequeno balanço. Não, não é um balanço avaliativo: é um boiar, um respirar. Deixar-nos banhar. Mergulho? Lembramo-nos do mergulho enunciado pela estagiária de psicologia que disse certa vez que estar no Abrindo Caminhos era como estar num mergulho: banho cheio de intensidades. O jovem, na ocasião, adverte quanto ao perigo de se afogar. Diz: “cuidado para não se afogar”. E é justo isso que nos interessa, o cuidado...

Queremos mergulhar juntos. Mergulhos coletivos que trabalhem acolhendo a multiplicidade que ali está. Mistura que coloca o corpo disposto micropoliticamente. Estar junto como modo de vida. Escutar, habitar a diferença por muitos instantes. Sentir com atenção e paciência para elaborarmos juntos o que fazer dela. Prudência é

delicadeza para que isso de forte e suave compareça e dure o quanto houver de durar: vida. Imanência, uma vida. Esse algo que Éolo soprou em nossas velas:

Na festa de despedida do Éolo [...] chegou o Gabriel, ficamos conversando ali e o Éolo apresentando o Teseu, novo estagiário do setor, à Julia, ao Mateus, a mim. E disse "agora a tua caminhada é com esses dois... muito legal trabalhar com eles..." e olhou pro Mateus, pra Julia, "aprendi muito com vocês".

Olhou pra mim também, ficou aquela atmosfera toda de tempo contraído: Éolo, Gabriel, Julia, eu, Mateus... tantos grupos, tantas conversas e experimentações naquelas salas de reunião do sétimo andar! Tantas sacadas naquelas sacadas! Um tempo passado que dura e parece que a sensação ali era desse tempo intensivo, junto com o futuro no Teseu, que parecia um velho conhecido. Gabriel larga: "tá, Éolo, pode chorar!" E o que parecia piada, na verdade era o enunciado do que aparentava que aconteceria mesmo. Riu-se, mas depois a Julia comentou "pois é, Éolo, tu achou mesmo que tu ia chorar, né?".

Ele concordou.

E disse o que dificilmente eu vou esquecer um dia:

"É, saí ali na sacada agora. O ar tá mesmo diferente.

Agora... só quero saber por quê..."

(Diário coletivo Birutar, em 05 de julho de 2007)

## Referências:

- ALTOÉ, Sonia (org). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- ARANTES, Esther Maria. De "criança infeliz" a "menor irregular" – vicissitudes na arte de governar a infância. Em: JACÓ-VILELA, Ana Maria; JABUR, Fábio; RODRIGUES, Heliana B. C. (orgs.). *Clio-psyché: Histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BARROS, Regina Duarte Benevides de. *Grupo: a afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2007.
- BENEVIDES, Regina. A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces?. Em: *Psicologia & Sociedade*. Mai-Ago 2005, vol.17, no.2., pp 21-25.
- BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito de história". Em: *Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8.069/1990. Brasília, 1990.
- CANGUILHEM, Georges. O que é a psicologia?. Em: *Epistemologia 2. Revista Tempo Brasileiro*, n. 30 /31,1972, p. 104-123.
- BULCÃO, Irene. A Produção de Infâncias Desiguais: uma viagem na gênese dos conceitos “criança” e “menor”. Em: NASCIMENTO, Maria Livia do (org.). *Pivetes: a produção de infâncias desiguais*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 2002.
- COIMBRA, Cecília Maria Bouças. & NASCIMENTO, Maria Livia do. Jovens pobres: o mito da periculosidade. Em: FRAGA & IuLianelli (orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- COIMBRA, Cecília Maria Bouças; AYRES, Lígia Santa Maria; NASCIMENTO, Maria Livia do e. *PIVETES: Encontros entre psicologia e judiciário*. Curitiba: Juruá, 2008.
- DELEUZE, Gilles. As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjativação). Em: *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População - Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *O Nascimento da Biopolítica - Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- \_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- \_\_\_\_\_. O que são as luzes? Em: *Ditos e escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2005.
- FUGANTI, Luiz. A Ética como potência e a Moral como servidão. Disponível em <[http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com\\_content&task=view&id=51&Itemid=51](http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com_content&task=view&id=51&Itemid=51)>. Acesso em: 08 de junho de 2009.
- GUATTARI, Félix. & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KIRST, Patrícia Gomes; GIACOMEL, Angélica Elisa; RIBEIRO, Carlos José Simões; COSTA, Luis Artur; ANDREOLI, Giovanni Souza. Conhecimento e Cartografia: Tempestade de Possíveis. Em: FONSECA, Tânia Mara. & KIRST, Patrícia Gomes (org). *Cartografias e Devires: A Construção do Presente*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.
- LOURAU, René. *Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
- NASCIMENTO, Maria Livia do (org). *PIVETES – A produção de infâncias desiguais*. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2001.
- PASSOS, Eduardo e BARROS, Regina Benevides de. Clínica e Biopolítica na Experiência do Contemporâneo. Em: *Psicologia Clínica Pós- graduação e Pesquisa*. PUC-RJ, v.13, n.1, 2001, p. 89-99.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Encontro intempestivo: Georges Lapassade no Brasil, 1972. Em: *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v.4, n.2, 2008. Disponível em

<<http://www.cliopsyche.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/view/324/534>>. Acesso em 05 de junho de 2009.

\_\_\_\_\_. Para desencaminhar o presente Psi: biografia, temporalidade e experiência em Michel Foucault. Em: GUARESCHI, Neuza M. F. & HÜNING, Simone M. (orgs.). *Foucault e a Psicologia*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

SOUZA, Alice De Marchi Pereira de. *INterVENTAR: encontros possíveis entre psicologias e juventudes*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e filosofia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Niterói, 2009.

Alice De Marchi Pereira de Souza  
Centro de Defesa de Direitos Humanos de Petrópolis (atuante no projeto CEAV –  
Centro de Atenção a Vítimas da Violência)  
E-mail: [alicedemarchi@gmail.com](mailto:alicedemarchi@gmail.com)

## .Notas

---

\* O presente artigo está vinculado a minha dissertação de mestrado em Psicologia na Universidade Federal Fluminense, disponível na íntegra em: <<http://www.slab.uff.br/dissertacoes/2009/alice2009.pdf>>.

<sup>1</sup> Todos os nomes são fictícios nesse trabalho, a não ser os nomes dos integrantes do Estação PSI (descrito ulteriormente). Os codinomes dos jovens foram escolhidos a partir de uma conversa com um deles, quando perguntei que nome fictício gostaria de receber no trabalho. Ele respondeu “Põe nomes de anjos, de heróis e deuses gregos, nomes históricos, nomes importantes pra gente. Assim, vai pegar a atenção dos leitores, eles vão se impressionar e ninguém vai se esquecer da gente quando ler a dissertação”. Acatei a sugestão... anjos, heróis? Fato é que são personagens importantes e inesquecíveis nessa história...

<sup>3</sup> Dispositivo de análise sobre o qual discorreremos posteriormente, criado pelo grupo de extensão Estação PSI, do qual faço parte. Por ora, cabe dizer que se trata de um grupo virtual través do qual se trocam e-mails. O nome *Birutar* vem de uma série anterior (*Mais\_Vida* > *Ventovida* > *Birutar*), fazendo alusão à velocidade e intensidade do encontro com jovens como algo que faz viver, desorganiza, como a sensação de um vento que sopra (SOUZA, 2009).

<sup>3</sup> A expressão remete ao que René Lourau chamou de *salto mortal*, segundo ele executado pelo colega Georges Lapassade ao romper com a abordagem intimista (sob influência da psicologia) de grupos até então vigente entre os institucionalistas para chamar atenção para uma dimensão política de atravessamento institucional em qualquer que fosse o grupo (RODRIGUES, 2008).

<sup>4</sup> A referência usada por Rodrigues para a expressão de Walter Benjamin é o texto “Sobre o conceito de história” (BENJAMIN, 1994).

<sup>5</sup> Para saber mais, sugerimos ao leitor que acesse o material produzido no Programa de Intervenção Voltado às Engrenagens e Territórios de Exclusão Social, desenvolvido pelo Laboratório de Subjetividade e Política (LASP), vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense

(PIVETES/UFF). O grupo publicou dois livros até agora: “PIVETES: A produção de infâncias desiguais” (NASCIMENTO, 2002) e “PIVETES: Encontros entre psicologia e judiciário” (COIMBRA, NASCIMENTO e AYRES, 2008).

<sup>6</sup> Caderneta pessoal, ferramenta metodológica que será descrita ulteriormente.

<sup>7</sup> Para saber mais sobre o conceito de Diário de Campo, veja Lourau (1993) e Altoé (2004).